



## ***EX-PAJÉ*: CULTURA DO POVO INDÍGENA PAITER SURUÍ AMEAÇADA E A MEMÓRIA COMO RESISTÊNCIA<sup>1</sup>**

**Diogo Matheus de Souza** – [diogo.m.souza@posgrad.ufsc.br](mailto:diogo.m.souza@posgrad.ufsc.br)  
Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil;  
<https://orcid.org/0000-0002-3984-2032>.

**Claricia Otto** – [clariciaotto@gmail.com](mailto:clariciaotto@gmail.com)  
Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil;  
<https://orcid.org/0000-0001-8682-8332>.

**RESUMO:** Esta resenha apresenta o documentário-ficção *Ex-Pajé* (2018), dirigido pelo cineasta Luiz Bolognesi, que aborda a história recente do povo indígena Paiter Suruí, situado na fronteira entre os estados de Mato Grosso e Rondônia (Brasil). A narrativa se desenvolve sob o ponto de vista de Perpera Suruí, antigo pajé que foi destituído da função depois que a religião evangélica impactou as crenças tradicionais dos Paiter Suruí. Por meio de um trabalho de memória e de encenações realizadas pelo ex-pajé, amigos e familiares, o referido documentário mostra os impactos que a indústria madeireira, o agronegócio, e a doutrinação evangélica vêm causando entre os Paiter Suruí desde o primeiro contato com os brancos, em 1969, até os dias atuais. O foco se concentra, sobretudo, nos impactos culturais causados nesse povo pelos brancos, que vão desde a demonização de suas práticas religiosas até a busca em apagar sua tradição e memória, transmitidas, oralmente, no convívio entre as gerações. Em uma primeira compreensão visual, *Ex-Pajé* pode levar o espectador a entender que no contexto retratado o que sobra são restos, resíduos da cultura e da memória dos Paiter Suruí. Contudo, tal narrativa também pode ser analisada sob a ótica da resistência, verificável, entre outros indícios, no trabalho de memória pelos Paiter Suruí e na criação de suas encenações, que se tornam uma forma de denúncia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Luiz Bolognesi; Paiter Suruí; Doutrinação evangélica; Etnocídio.

EX-PAJÉ. Direção de Luiz Bolognesi. S.l.: Gullane, 2018. (81 min.), son., color. Legendado.

“O etnocídio não é a destruição física dos homens, mas do seu modo de vida e pensamento” (CLASTRES, 2004, p. 56). Essa frase, do antropólogo francês Pierre Clastres inicia a segunda experiência de Luiz Bolognesi como diretor e serve de indicativo do que é apresentado nos 81 minutos de seu documentário-ficção *Ex-Pajé* (2018). Se em seu primeiro longa-metragem, *Uma História de Amor e Fúria* (2013), Bolognesi aventurou-se pelo cinema de animação, contando a história de um indígena guerreiro imortal que vive entre 600 anos do passado e do futuro do Brasil enquanto procura a alma perdida de sua amada, em *Ex-Pajé* o investimento se dá em um híbrido de documentário e ficção. Assim como em seu primeiro trabalho, pauta-se no protagonismo indígena para abordar a violência étnica imposta aos povos indígenas pelas iniciativas colonizadoras e religiosas dos chamados brancos.

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Apresentado pela primeira vez na Mostra Panorama da edição do Festival de Berlim de 2018, ocasião em que recebeu menção especial pelo júri, *Ex-Pajé* retrata a fase atual da vida de Perpera Suruí, um ex-pajé do povo indígena Paiter Suruí, situado no Brasil, na fronteira entre os estados de Mato Grosso e Rondônia. Os Paiter Suruí não tinham contato com brancos até 1969, quando a indústria madeireira, o agronegócio e a religião evangélica passam a avançar pela região com seus interesses específicos. O foco do documentário-ficção de Bolognesi se concentra nos impactos culturais que a doutrinação evangélica forçada causou nesse povo, que vão desde a demonização de suas práticas religiosas até a busca em apagar sua tradição e memória, transmitidas, oralmente, no convívio entre as gerações.

A escolha de Perpera Suruí como protagonista da narrativa se dá, principalmente, por ele ser uma representação da intervenção sistemática realizada pelos brancos na cultura daquele povo. Antes pajé, figura respeitada e procurada pelos outros membros da comunidade por conta de seus conhecimentos espirituais e medicinais, Perpera tem sua sabedoria deslegitimada e acusada pelos evangelizadores neopentecostais de ser “coisa do diabo”. O discurso evangélico ganha força na aldeia, e cria um afastamento dos moradores para com Perpera. Destituído de seu posto de pajé, passa a trabalhar como zelador da igreja evangélica instalada na região, uma forma de ser aceito novamente pela comunidade.

A opção narrativa em formato de documentário-ficção por parte de Bolognesi tem importância fundamental na compreensão do que pretende apresentar com sua produção. O diretor afasta-se do modelo documental clássico pautado na narração explicativa e no método de entrevistas para dar lugar a uma câmera meramente observadora. As cenas dividem-se em flagrantes de situações que acontecem em tempo real e em encenações dos próprios moradores da aldeia para situações que já aconteceram e permanecem marcantes em suas memórias. Tal opção narrativa permite que os próprios indígenas contem e demonstrem sua percepção acerca do contato com os brancos. Isso não significa que o documentário esteja isento de qualquer interferência sobre a perspectiva indígena, uma vez que toda produção audiovisual é construída por meio de edições, seleções, enquadres, sonorizações.

Com a ausência da narração ao fundo, o trabalho interpretativo do espectador torna-se mais livre. Nessa direção, é perceptível o conflito identitário que se manifesta nas expressões de Perpera. Enquanto o pastor reza seu culto e busca evangelizar os Paiter Suruí, o ex-pajé permanece na porta, olhando para as árvores e contemplando uma relação com a natureza que se torna cada vez mais frágil e artificializada. Esse conflito identitário fica ainda mais evidente quando, em uma noite sem luz elétrica, Perpera demonstra estar com medo porque os espíritos da mata, antes amigos, agora “lhe batem durante a noite por causa da igreja”.

São diversas as cenas em que Perpera questiona a forma como o modo de ser branco influenciou, forçosamente, o modo de ser indígena. Em determinado momento, conta que “antigamente se consultava o pajé, hoje só tomam aspirina”. Quando uma vizinha sofre um acidente com a picada de uma cobra,

precisam levar sua ajuda até o hospital sem o conhecimento do pastor evangélico, que poderia não gostar da intervenção. Da mesma forma, um flagrante mostra uma senhora distribuindo remédios entre os Paiter Suruí, enquanto o ex-pajé observa da janela da igreja, como alguém que antes era referência na vizinhança, passara a ser aliado e proibido de sua função, precisando resguardar seus saberes para si.

Apesar da interferência branca, ainda existe uma tentativa dos moradores mais antigos de transmitir os saberes tradicionais para os mais jovens. A iniciativa, porém, sofre com os obstáculos da modernidade, como a atenção excessiva dada pelas crianças aos celulares em detrimento do esforço dos adultos em ensinar suas práticas, manifestadas na produção de alimentos, tintas, e instrumentos utilizados em rituais espirituais. É simbólica a cena em que uma menina brinca com um *game* de caça enquanto os familiares conversam sobre a necessidade de matar uma cobra quando alguém é picado, sendo essa a única maneira da pessoa se livrar das dores causadas pelo veneno.

A mesma modernidade que trouxe o agronegócio, o desmatamento e a tecnologia como substitutos de rituais e práticas, permite também que os moradores atualizem seus saberes e ressignifiquem as ferramentas modernas. A derrubada de árvores na região, por exemplo, é exposta na rede social *Facebook* por Ubiratan Suruí (Bira), outra figura recorrente ao longo do documentário-ficção, e um dos poucos que ainda dedica seu tempo a ouvir as histórias de Perpera, contadas a beira do rio enquanto pescam. A problemática do desmatamento, contudo, é pouco desenvolvida em *Ex-Pajé*, aparecendo em algumas cenas e em seguida sendo deixada de lado, muito por conta de sua curta duração. A sensação é a de que Bolognesi poderia ter explorado melhor alguns assuntos que insere ao longo da narrativa. A justificativa para a sua escolha pode estar no recorte central em que se propôs investir: a intolerância religiosa e o etnocídio cultural.

São, principalmente, resistências e tentativas de sobrevivência que presenciamos em *Ex-Pajé*: da cultura, da experiência e da memória. Por esse motivo o tom do documentário-ficção de Bolognesi é de denúncia contra a evangelização agressiva e etnicamente irresponsável que destrói um modo de vida e pensamento milenares. Para tal, é necessária não apenas a intenção da filmagem do diretor, mas também um esforço de rememoração e construção de narrativas sobre si por parte de Perpera e de outros Paiter Suruí. Nessa direção, é possível falar que a produção de *Ex-Pajé* envolve um trabalho de memória, na acepção de Bosi (2009) e Ricoeur (2010), como sendo a ação da recordação, a busca pelas lembranças que permanecem em estado de latência no lado não iluminado da memória.

O trabalho de memória normalmente é estabelecido entre o historiador e a testemunha que lhe narra suas lembranças, mas pode ser estendido também para a ação construída pelo cineasta e as pessoas que têm suas experiências documentadas. No caso de *Ex-Pajé*, em vez do relato, a iniciativa se dá por meio da encenação de situações anteriormente vividas, como no caso do acidente com uma cobra

envolvendo outra Paiter Suruí, em que, mesmo contra a vontade do pastor, a intervenção espiritual de Perpera se faz necessária para que a cura aconteça.

Em uma primeira compreensão visual, o documentário-ficção de Bolognesi pode levar o espectador a entender que no contexto retratado o que sobra são restos, resíduos da cultura e da memória dos Paiter Suruí. Isso ocorre porque tentativas de silenciamento vindas de fora não faltam. Contudo, é importante analisar a narrativa de *Ex-Pajé* como forma de ação e resistência, verificáveis desde o post no *Facebook* que, rapidamente, aparece em cena até o próprio trabalho de memória dos indígenas em suas encenações.

Tendo em vista a Lei 13.006/2014, que determina a exibição de filmes de produção nacional nas escolas, *Ex-Pajé* também surge como uma oportunidade para trazer a discussão acerca da atualidade das questões indígenas, na sala de aula. Comumente associado aos tempos da colonização, quando se aprende nas aulas de História sobre a escravidão, as doenças trazidas da Europa e catequização pelos jesuítas, o etnocídio indígena está longe de ser um problema apenas do passado. Os povos indígenas que ainda sobreviventes permanecem ameaçados constantemente, seja pela evangelização forçada, pelo agronegócio ou pelas mineradoras que buscam instalar-se em seu território. Nesse contexto, de luta cotidiana pela existência, produções audiovisuais como as de Luiz Bolognesi e resistências como as dos Paiter Suruí tornam-se ainda mais relevantes e necessárias.

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 15. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política*. 2004: Cosac & Naif.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François et al. Campinas: UNICAMP, 2007.

**Title**

*Ex-Shaman*: Threatened culture of the indigenous people Paiter Suruí and memory as resistance.

**Abstract**

This review presents the documentary-fiction *Ex-Pajé* (2018), directed by filmmaker Luiz Bolognesi, which addresses the recent history of the Paiter Suruí indigenous people, located on the border between the states of Mato Grosso and Rondônia (Brazil). The narrative develops from the point of view of Perpera Surui, a former shaman who was stripped of his post after the evangelical religion impacted Paiter Suruí's traditional beliefs. Through a memory work and staging performed by the former shaman, friends and family, this documentary shows the impacts that the logging industry, agribusiness, and evangelical indoctrination have had on Paiter Suruí since the first contact with the whites, in 1969, to the present day. The focus is mainly on the cultural impacts caused by white people, ranging from the demonization of their religious practices to the search to erase their tradition and memory, transmitted orally in the intergenerational interaction. In a first visual comprehension, *Ex-Pajé* may lead the viewer to understand that in the portrayed context what remains are remains, residues of the culture and memory of the Paiter Suruí. However, such narrative can also be analyzed from the perspective of resistance, verifiable, among other evidences, in the work of memory by Paiter Suruí and in the creation of his enactments, which become a form of denunciation.

**Keywords**

Luiz Bolognesi; Paiter Suruí; Evangelical indoctrination; Ethnocide.

---

Recebido em: 25/11/2019.

Aceito em: 25/05/2020.